

A AFETIVIDADE E AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA

AFFECTIVITY AND PEDAGOGICAL PRACTICES FROM NA INCLUSIVE PERSPECTIVE

AFFECTIVIDAD Y PRÁCTICAS PEDAGÓGICAS DESDE UNA PERSPECTIVA INCLUSIVA

Paulo Roberto dos Santos Oliveira¹

¹Faculdades Integradas de Patos (UNIFIP), Patos/PB, Brasil

RESUMO: O presente trabalho é fruto de uma pesquisa bibliográfica com base no tema A Afetividade e as Práticas Pedagógicas numa Perspectiva Inclusiva. Buscando refletir as práticas pedagógicas bem como as atitudes mais afetivas no processo da inclusão escolar, sobretudo na aprendizagem, construindo o respeito, a valorização, as oportunidades, a compreensão, a aceitação, e a luta contra a exclusão e as barreiras impostas por esta sociedade. Apresentando respaldo teórico em Montoan (2006), Demo (1997), Freinet (1973), Vygostky (1994), Wallon (1995), dentre outros. Portanto, o objetivo da presente pesquisa é evidenciar a importância da Inclusão Escolar e da Afetividade na formação integral da criança contribuindo para seu desenvolvimento como sujeito capaz de vencer suas próprias limitações.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão escolas; prática pedagógica; afetividade; professor; escola

ABSTRACT: This work is the result of a literature search based on the theme Affectivity and Pedagogical Practices in an Inclusive Perspective. Seeking to reflect teaching practices as well as more caring attitudes in the school inclusion process, especially in learning, building respect, appreciation, opportunities, understanding, acceptance, and the fight against exclusion and the barriers imposed by the company. Presenting theoretical support in Montoan (2006), Demo (1997), Freinet (1973), Vygotsky (1994), Wallon (1995), among others. Therefore, the aim of this research is to highlight the importance of the School Inclusion and Affection in the integral formation of children contributing to its development as a subject able to overcome their own limitations.

KEYWORDS: School inclusion, teaching practice, affection, teacher, school.

INTRODUÇÃO

A Inclusão Escolar vem sendo atualmente pauta de várias discussões em quase todos os âmbitos da sociedade, esta por sua vez, e durante muito tempo, manteve as pessoas com deficiência de qualquer natureza – física, mental ou sensorial – excluídas não só pela comunidade escolar mas pela a própria família, estas pessoas eram levadas e ou acolhidas por asilos e instituições de cunho filantrópico ou religioso, passando ali toda a sua vida sem receber nenhum atendimento especializado que as tornassem sujeitos mais ativos e participantes do processo educativo.

Mais adiante, com o surgimento de algumas escolas especiais de caráter totalmente privado, com destaque no atendimento clínico especializado, a sociedade começava a compreender que pessoas com deficiências poderiam ser produtivas, capazes de realizarem inúmeras tarefas desde que fossem bem acompanhadas inicialmente, o atendimento a essas pessoas foi crescendo gradativamente do campo saúde para o campo educação.

A reflexão sobre a inclusão escolar vem ganhando maior destaque e ênfase nos últimos anos. O conceito de inclusão é discutido com maior enfoque, sob uma nova perspectiva, a qual busca validar a importância do ser em desenvolvimento independentemente de suas particularidades múltiplas.

Então, a partir da necessidade de se ter um ambiente escolar mais aberto à pluralidade, a escola, além do seu papel econômico, social e político precisou, precisa e precisará ressignificar

sua prática pedagógica tendo como pressupostos as dificuldades encontradas na aprendizagem alinhando-a a busca genuína da interação e da corresponsabilidade entre a Educação Especial, o Ensino Regular e a Afetividade, observando todo o processo ensino/aprendizagem como resultado da dialogicidade com outros sujeitos sociais por meio das relações sócio afetivas.

Vale destacar a importância da família e da comunidade, seja ela escolar ou não, como peças-chaves para que a Inclusão verdadeiramente aconteça, esses agentes devem exercer seus papéis, colocando em prática sua cidadania, sua luta pelas oportunidades dos jovens e crianças, os quais, na sua maioria, são deixados e ou esquecidos às margens do processo socioeducativo, privados dos seus direitos por serem tratados/vistos como seres incapazes/inaptos de realizar qualquer tarefa.

Dentre as variantes necessárias ao novo modelo de educação é preciso mencionar a urgência em qualificar os educadores ofertando aperfeiçoamento e assessoramento no que tange as novas didáticas para um público que carece não só de acompanhamento, mas de metodologias inovadoras que propiciem uma melhor compreensão do mundo que lhes rodeia.

A Afetividade e as Práticas Pedagógicas numa Perspectiva Inclusiva foi fruto da reflexão a cerca dos desafios da Inclusão Escolar nos dias atuais tendo em vista a grande necessidade de se ter um espaço educativo melhor preparado para receber esse novo público que, outrora era privado de socializar-se e de ressocializar-se, bem como, desenvolver-se isso motivado pelos vários estereótipos criados a cerca de suas capacidades, habilidades e atitudes. A Afetividade, sem sombra de dúvidas, é um viés necessário para se romper o obstáculo exclusão na escola. Através de práticas mais afetivas se conquistará a tão sonhada igualdade de direitos, a confiança e conseqüentemente o desenvolvimento do educando, buscando garantir meios que favoreçam a sua autonomia e sua liberdade para agir conforme seus preceitos.

1 CONCEITUANDO O TERMO INCLUSÃO ESCOLAR E AFETIVIDADE

A Inclusão escolar é um processo que objetiva uma reflexão sobre o outro, sua diversidade cultural e suas características mais particulares, processo que em suma, tende a eliminar a distorção ainda presente e exercida pela a escola, ao tratarem de maneira equivocada o real anseio da inclusão, acreditando que esta se resume apenas na inserção do aluno no âmbito escolar, apenas integrando-os, desprezando suas capacidades para o aprender e para o ser. No entanto, agrupar os alunos no ensino regular sem garantir o verdadeiro direito e o verdadeiro acesso a aprendizagem, nada mais é do que camuflar e ou excluir de uma forma mais branda.

Uma nova perspectiva para que a Inclusão Escolar atinja patamares realmente concretos é, sem dúvida, estruturado a qualidade do ensino e da formação de seus profissionais, de modo que respondam às necessidades dos alunos, de acordo com suas deficiências, sem compactuar de uma educação regida e mascarada pela ação excludente.

Conforme Pontes (1997, p. 48):

A inclusão educacional pretende o que se deseja de uma escola: o favorecimento da convivência com a diversidade, a instituição do respeito e da fraternidade entre as pessoas, sem excluir ninguém do ensino regular. Somente dessa forma, preparar-se-ão verdadeiros cidadãos, construindo uma escola livre de preconceitos.

Aprimorar as condições da escola, para a construção de uma escola inclusiva, requer uma transformação que vai desde seu currículo perpassando pela formação do professor até a estrutura física, fortalecendo a permanência e o desenvolvimento dos alunos, de maneira que a ideia de homogeneização e uniformidade não configure a prática educacional, mas, construa uma escola democrática, plural e genuinamente inclusiva, através de estratégias didático-metodológicas que levem em consideração a diversidade e as características múltiplas dos alunos.

A inclusão escolar intenta um conjunto de forças que fortaleçam, sobretudo a adaptação do indivíduo no ambiente escolar, como alguém capaz de desenvolver-se, mesmo que de forma gradativa, porém de forma satisfatória, para que esse fenômeno se torne ganhe real autenticidade, a escola precisa ser uma instituição que liberta, que faz florescer naquelas pessoas consideradas inúteis, avanços consideráveis, com uma conduta que privilegie o diálogo e participação não só com os agentes da escola, mas, com a família e a comunidade.

Para Gotti (1998):

a inclusão escolar não tem, somente, a finalidade de incluir os educandos com problemas físicos, mentais ou com características de superdotação, mas precisa incluir, também, o aluno "normal", que é privado de estar em um ambiente escolar, que não tem acesso às escolas por uma cadeia de questões sociais, econômicas e cultural.

Dessa forma, a escola como promotora da inclusão, precisa compreender que todos os alunos devem está envolvidos no processo, como agentes ativos, independentemente de suas particularidades e ou condições socioeconômicas, incluir significa colocar todos estes agentes na vida educacional e também social, criar meios para permaneçam na escola. Levar em consideração as suas individualidades, propor mecanismos que favoreçam a troca simultânea de ideias. Um olhar positivista e construtivista em nome da escola é sem duvidas primordial na relação educador e educando, olhar esse que implica, ainda, considerar as varias ideologias e crenças de cada um, bem como considerar as emoções envolvidas nessas relações.

A afetividade leva o ser humano a manifestar os seus sentimentos em relação ao outro. Graças à afetividade, os indivíduos criam laços de amizade e afeição, tornando a convivência em grupo algo mais significativa, enxergando esse outro como um ser necessário para o ciclo de vida e que este possui suas qualidades e seus defeitos. O fator afetivo é destacado de maneira significativa para a formação do indivíduo e do seu conhecimento.

Os aspectos cognitivo e afetivo estão intimamente ligados até mesmo em suas contrariedades, sendo fatores indispensáveis para evolução humana. Contudo a afetividade é resultado dos sentimentos e das emoções do indivíduo. De acordo com Ribeiro e Jutras (2006, p.43), "a afetividade contribui para a criação de um clima de compreensão, de confiança, de respeito mútuo, de motivação e de amor que podem trazer benefícios para a aprendizagem escolar".

Nessa ideologia é preciso entender que o afeto é uma característica necessária no contexto escolar, o aluno precisa sentir-se acolhido e motivado a aprender, através inter-relação entre professor/aluno e dos vínculos estabelecidos, desenvolvendo a autoconfiança e a autoestima de todos os envolvidos neste processo.

2 AFETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A INCLUSÃO ESCOLAR

A afetividade essência máxima do ser humano, virtude pela qual é possível entrar no universo do outro, bem como, conquista-lo, através do diálogo e da comunhão estabelecida entre sim, expelindo segurança e confiança traduzidas em gestos e atitudes por esse outro.

A afetividade é um aspecto fundamental no processo da formação integral do sujeito, assume influência positiva no desenvolvimento de sua personalidade. A construção da identidade do ser humano requer um conjunto de sensações e sentimentos que devem ser desenvolvido harmonicamente, contribuindo para indivíduos mais afetivos e comunicáveis como também reflexivos, sensibilizados e empáticos a situação do seu próximo.

Conforme Ferreira (1990, p.62)

Afetividade significa o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza.

Nessa perspectiva, a escola como espaço para a formação integral do sujeito, deve compartilhar estrategicamente de atitudes afetivas, primando sensibilizar o outro para o outro, contemplando a autossatisfação e o prazer em pertencer aquele espaço de aprendizagem, espaço esse, onde as trocas de experiências/vivências é parte preponderante para as boas relações fora do contexto escolar. Compreendendo assim, o seu papel de cidadão, de agente ativo e transformador, do ambiente em que vive. Os aspectos afetivos são necessários para formação de pessoas felizes, seguras e capazes de solucionar problemas comuns ao dia a dia. A afetividade é importante aliada nas ações pedagógicas, responsável por criar vínculos relevantes e imprescindíveis para o convívio em sociedade.

Para Wallon (1954, p. 288):

A afetividade é um domínio funcional, cujo desenvolvimento dependente da ação de dois fatores: o orgânico e o social. Entre esses dois fatores existe uma relação recíproca que impede qualquer tipo de determinação no desenvolvimento humano, tanto que a constituição biológica da criança ao nascer não será a lei única do seu futuro destino. Os seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias sociais da sua existência onde a escolha individual não está ausente

Nesse contexto, pode-se dizer que a afetividade constitui um importante papel na vida social, emocional e também educacional de um indivíduo, o qual revela carinho ou cuidado em relação a alguém do seu íntimo, assim permitindo a partir desse relevante sentimento o ser humano

demonstrar sua afeição e emoção a outro ser, sendo um laço genuíno criado entre os seres humanos para representar a amizade mais verdadeira.

A afetividade no espaço escolar contribui significativamente para todo o processo educativo, "as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas. Portanto, na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente" (Almeida, 1999, p. 107). Considerando que o educador não apenas um mero transmissor de conhecimentos, mas alguém que também ouve os alunos estabelecendo relação de reciprocidade. Dando-lhes atenção e instigando para que aprendam a expressar-se de forma crítica e fazendo opções pessoais.

É necessário destacar que a afetividade não é construída apenas pelo contato físico, mas por atitudes de respeito e de solidariedade para com o próximo, a capacidade do aluno de reconhecer a importância do outro constitui formas cognitivas de laços afetivos, operados pela manifestação de carinho amistoso.

2.1 A relação professor X aluno na construção da identidade socioafetiva

As relações preestabelecidas no âmbito escolar ainda requerem por parte do educador como também por todo o corpo da escolar, uma atitude de proximidade ao estudante, proximidade essa que leva sem sombra de dúvidas a verdadeira inclusão do estudante. As relações afetivas se concretizam, na troca recíproca de confiança e solidariedade dos sujeitos ativos do processo educativo.

É perceptível que a maioria dos alunos vê o professor como uma referência a ser seguida, desde que este alcance nos alunos uma conquista, um encantamento, levando-os a sentirem-se pertencentes do contexto escolar. O educador dos tempos atuais deve constantemente reavaliar-se buscando corrigir-se, de maneira que tornem suas práticas não excludentes e não autoritárias;

Segundo Santos e Paulino (2008, p. 53):

Ser professor é dar condições e oportunidades ao outro de construir seus próprios sentidos e criar suas próprias condições para viverem em sociedade, refletir sobre esta última e *refletir-se*, sem jamais retornar aquilo que era antes, num eterno *de vir*. O professor é, pois, um agente de encantamento nestes tempos de desencanto. O professor é, pois, aquele que apresenta os limites e, sobretudo, faz florescer as possibilidades criativas e inclusivas.

Nesse intuito, o professor precisa construir um espaço dinâmico e inclusivo propondo aos alunos meios para seu desenvolvimento integral, bem como seu crescimento como agente social, sobretudo, um indivíduo politizado capaz de exercer sua cidadania. Entretanto o educador deve enxergar o potencial da criança, de forma que contribua para seu desenvolvimento, ressignificando sua prática, e sendo favoráveis à educação inclusiva. O professor precisa mostrar ao seu aluno a sua importância na sala de aula, seja ele portador ou não de deficiência, mostrar-lhes o sentido da vida, e a incansável busca pela transformação da realidade.

De acordo com Souza Neto (2000, p.7):

[...] no meio social, o processo de construção da identidade de uma pessoa caminha entre um resultado estável e provisório, individual e coletivo, subjetivo e objetivo, biográfico e estrutural de diversos percursos de socialização que constroem, em conjunto, os indivíduos e definem as instituições.

Nesse contexto, vale considerar que a construção de uma identidade sócio afetiva é um processo que vai muito além do que conquistas e limitações. Esse processo por sua vez admite a descontinuidade dos fatos perante uma sociedade inconstante e que se reconstrói constantemente. Sendo assim, a escola precisa amparar a diversidade cultural e estrutural de cada aluno bem como de sua família, propondo-se como uma instituição que acolhe e transmite através de ações atitudinais um sentimento de pertença e de acolhimento de toda comunidade.

Freire (2005, p. 91) afirma que:

[...], o diálogo é uma exigência existencial. E, se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar ideias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.

Assim, o professor deve compreender a importância do diálogo como ponto fundamental para o convívio escolar e social, a partir da interação o professor estará construindo uma relação mais significativa com os alunos, incentivando-os a buscarem a transformação da realidade sócio pessoal. Nessa perspectiva o professor, é reconhecido como um agente transformador do processo educativo, um grande articulador que ultrapassa a transmissão de conteúdos, e que prima pela mediação das experiências do aluno, do ambiente escolar e do mundo, contribuindo para sujeitos mais críticos e preparados para evolução ultrarrápida em que os tempos modernos e tecnológicos propõem.

As interações construídas no espaço escolar são, portanto, um conjunto de influências e de relações recíprocas estabelecidas entre as partes envolvidas – professores - alunos - comunidade. A afetividade, além de conjugar toda essa relação entre as partes, está presente nas decisões didático-pedagógicas, bem como nas relações sujeito/produto do conhecimento. Além disso, percebe-se que a afetividade tem um papel importante no desenvolvimento integral do indivíduo. “O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam” (VYGOTSKY, 1994, p. 115).

Dessa forma, a partir da interação social, do conhecimento de novas culturas, da troca pluralizada de atitudes e ideias entre as pessoas é que o indivíduo vai se desenvolvendo, vai construindo seu eu, com base no coletivo e no bem comum. O professor é peça fundamental no desenvolvimento sócio afetivo do aluno, este toma como referência o professor, seja na maneira de conversar, seja na maneira de agir. Assim, a relação estabelecida entre professor-aluno-comunidade, apresenta-se como eixo importante para as possibilidades de crescimento intelectual e emocional, exercendo significativa influência na construção da identidade e personalidade do aluno.

3 A ATUAÇÃO DO PROFESSOR NO PROCESSO DA INCLUSÃO ESCOLAR

As ações atitudinais dos profissionais da educação, em especial do professor, assumem relevante importância para a melhoria do processo de ensino/aprendizagem, conseqüentemente para o processo de Inclusão, o qual requer o envolvimento de todo o corpo escolar em comunhão com a família e a comunidade, assim garantindo mesmo em meio aos inúmeros desafios que este processo propõe o direito de aprender.

As estratégias pedagógicas com base na Inclusão configuram uma nova postura do professor, o qual deve ser positivista, repensando suas metodologias a partir da dinâmica de sala de aula, levando em consideração não só "as deficiências", mas, "as possibilidades"; porque ainda que seja forte o discurso que, alguns levantam em relação a lidar com pessoas de características diferentes, acreditar nas possibilidades e se empenhar para a real efetivação deve ser maior do que os discursos simplistas.

Segundo Mantoan (1997, p.120):

[...] a inclusão é um motivo para que a escola se modernize e os professores aperfeiçoem suas práticas e, assim sendo, a inclusão escolar de pessoas deficientes torna-se uma consequência natural de todo um esforço de atualização e de reestruturação das condições atuais do ensino básico.

O fator inclusão é um fator que requer uma coparticipação não apenas da escola, mas, da comunidade como um todo. A escola em suma precisa se adequar as novas demandas e a diversidade cultural dos alunos, bem como buscar estratégias que melhor favoreçam não só os alunos com deficiência, mas, todo corpo discente. É possível perceber ainda, que grande parte das escolas tornam-se ambientes excludentes, mesmo que de forma camuflada, lugar onde muitas vezes desconsidera a bagagem de conhecimentos dos alunos não respeitando suas experiências de mundo.

Embora uma nova reflexão deva ser feita em relação à escola, para assistir a cada necessidade, é importante repensá-la, principalmente a partir do professor, o qual deve está ali para desenvolver um trabalho que atenda a todos, sem qualquer tipo de distinção, procurando meios para melhor atender seu público, meios que contemplem o respeito e a responsabilidade, com ações que quebrem avaliações e ou julgamentos incoerentes.

Considerando a velocidade das mudanças sociais, entende-se que o educador tem a responsabilidade de conhecer também qual o papel do cidadão perante as adversidades do seu cotidiano, já que as regras que são postas pela sociedade refletem na sala de aula, e também serão levadas para a compreensão futuro a partir das atitudes do hoje.

Para Oliveira (2003, p.75):

A escola está aí para todos. Quem consegue obter sucesso merece o que recebe depois. Quem não consegue, é uma pena. A culpa é da vítima. A escola é estruturada de maneira excludente. O sujeito entra na escola vindo de uma cultura dominada, ausente, desrespeitada,

de um meio social desconsiderado, e quando fracassa ainda ouve: 'É uma pena que você não consiga.' Isso é muito perverso.

A escola ainda comunga de uma cultura seletista, destinando sua atenção maior aos que são mais quietos os que não fazem perguntas, os que não dão trabalho, mantendo a margem do processo educativo os alunos que apresentam dificuldades na aprendizagem, fugindo do seu real papel o de oferecer educação de qualidade para todos e de proporcionar um ambiente formador da criticidade e da autonomia. A fragmentação da maior parte das escolas tornam a Educação Inclusiva cada vez mais distante, isso ainda ocorre porque o tradicionalismo impera nesses espaços, com crenças arraigadas na homogeneidade e no impedimento motivado também pelas deficiências. À escola precisa urgentemente assumir o seu papel e sua postura diante da Inclusão, construindo um espaço que prevaleça, sobretudo o amor.

3.1 Reflexões das práticas pedagógicas como ação atitudinal para Educação Inclusiva

Uma proposta pedagógica centrada na diversidade cultural deve oportunizar uma reflexão a acerca do respeito e da aceitação às diferenças, anulando toda e qualquer forma de preconceito e discriminação dentro do espaço educativo, o saber analisar e atuar nestas situações frente às injustiças sociais e, enfim, uma formação pautada em valores morais, éticos e estéticos.

O professor precisa apropriar-se verdadeiramente do sentido que o termo incluir detém. Incluir é ultrapassar obstáculos, quebrar barreiras e paradigmas, desvencilhar regras arcaicas. Incluir é ultrapassar todos os obstáculos que promovem a separação e a exclusão. Para incluir deve-se proporcionar trocas constantes entre o ensinar e o aprender. Semeando assim, um espaço que conta com práticas pedagógicas preparadas para responder a diversidade cultural e a heterogeneidade dos alunos. Levando em consideração que cada aluno aprende de maneira diferente e em tempos diferentes. Nessa perspectiva, repensar as metodologias e o posicionamento frente ao processo ensino/aprendizagem, é tarefa permanente e indispensável ao professor.

Montoan (2005, p.24) afirma:

Para educar, é preciso ter muita perseverança. Também é necessário ter uma elevada expectativa em relação ao potencial dos alunos. Temos que acreditar que todos têm grande capacidade de transformação e desenvolvimento. A educação é uma obra infindável, uma vez que o ser humano não tem limites. Não temos que nos preocupar com resultados imediatos, e sim com resultados sólidos.

A educação passa por momentos de significativas mudanças, as quais ainda são de pequena escala no que diz respeito ao processo da inclusão, é imprescindível aos educadores uma reflexão a respeito da ação pedagógica, mas, que tal reflexão siga uma trilha que almeje verdadeiramente elevar a autoestima e abrir novos caminhos para o avanço dos educandos, mais especialmente para aqueles que sentem mais dificuldades na aprendizagem, assim contribuído e

exercendo seu papel para o alcance de níveis mais satisfatórios no que tange o processo ensino/aprendizagem.

Encorajar o aluno, mesmo com suas dificuldades, é atitude fundamental para uma escola construtivista, é preciso dissolver a obsoleta concepção de aluno incapaz, de sujeito improdutivo, a escola como espaço promotor da educação igualitária, da construção de uma sociedade livre e altruísta não poderá compactuar de condutas retrógradas, além disso, a escola, tão frequentemente, busca resultados rápidos, e os que não os acompanham, são deixados a mercê pelo caminho, precisa-se existir um projeto político pedagógico que atenda e acolha com competência e responsabilidade aqueles que demoram um pouco mais para aprender.

Constatamos, assim, uma escola desenhada para promover a homogeneidade e negar a diversidade inerente à pessoa humana. Uma escola que, embora se expandindo por meio de um processo de universalização do ensino, contribui ainda para a manutenção da exclusão por dentro de seus muros, por meio de metodologias descontextualizadas e descompassadas, programações lineares, temporalidade inflexível e categorias como de sucesso e insucesso, normalidade e anormalidade, atraso e fracasso escolar. (ALMEIDA, p. 2012, 151)

Nessa perspectiva percebe-se quão importante a revitalização da escola, bem como dos seus profissionais, que devem está imbuídos de um novo conceito do fazer pedagógico, arquitetado em um trabalho mais efetivo de percepção da diversidade, sobretudo das diferentes características e personalidades. O currículo deve está adaptado para atender as várias necessidades dos educandos, respaldado em metodologias que proporcionem o máximo de estímulos, possibilidades e que amplifiquem ainda mais a aprendizagem, com ferramentas e ou recursos educativos que transpassem a prática caracterizada pela homogeneidade do ensino e da aprendizagem, servindo apenas excluir de forma disfarçada, tratando a educação como linha horizontal.

Conforme Freinet (1973, p. 102):

As crianças têm necessidade de pão, do pão do corpo e do pão do espírito, mas necessitam ainda mais do Teu olhar, da Tua voz, do Teu pensamento e da Tua promessa. Precisam sentir que encontraram em Ti e na Tua escola a ressonância de falhar a alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que nelas trazem de generoso e de superior.

O profissional de educação precisa compreender a sua importância na vida dos alunos, seja na vida escolar, seja na vida social, entender que sua função de educar não está restrita apenas em ministrar conteúdos, o aluno ver no professor alguém em quem se pode confiar, embora essa confiança muitas vezes seja castrada, pela postura apresentada pelo professor, postura essa, influenciada pelo autoritarismo; nessa ideia existe a necessidade de rever a atitude apresentada pelo educador, para com aqueles que quase sempre são mal tratados em casa, sem terem sequer um momento de carinho, conquistar o aluno e garantir-lhes segurança e ação majoritária e indispensável ao professor.

Oferecer ao aluno condições para expressar-se, relatar o que está no seu interior, com certeza é tarefa da escola, nesse contexto o professor está colaborando de forma coparticipativa

no processo educativo, contribuindo para cidadãos mais realizados, mais politizados, que lutarão por seus direitos e pelos direitos do seu semelhante, contudo essa atitude mediada pela escola é um passo substancial para a educação inclusiva.

As práticas pedagógicas precisam de novos posicionamentos que envolvam grandes esforços para a reavaliação e a reestruturação dos currículos atuais, buscando mudanças para o ensino, e para a formação do professor, adequando às ações educativas à diversidade de alunos. Para atender a diferença na sala de aula devemos flexibilizar as práticas pedagógicas. Os objetivos e estratégias de metodologias não são inócuos: todos se baseiam em concepções e modelos de aprendizagem. Assim, se não propormos abordagens diferentes ao processo de aprendizagem acabaremos criando desigualdades para muitos alunos (RODRIGUES, 2006, p.305-306).

O sucesso da inclusão escolar vai depender, especialmente, do trabalho pedagógico não só do professor, mas, de toda escola, faz-se necessário práticas mais flexíveis construídas a partir da realidade do aluno, mediadas com o propósito de acolhê-los nas suas diferenças e considerar as diferentes formas de aprender. A inclusão além de nutrir as possibilidades de socialização do aluno, proporcionará um ambiente de acesso ao desenvolvimento pleno do mesmo, incluindo conquistas, competências, conhecimentos e habilidades necessárias a sua vida em sociedade. E, para se tornar real essa ideia, o professor deve compactuar de metodologias mais instigantes e atraentes, com adaptações de acessibilidade, desenvolvendo estratégias de ensino diversificadas; bem como novas maneiras de avaliar.

3.2 A postura da escola e de seus profissionais frente à Inclusão Escolar e a Afetividade

A política de educação inclusiva destaca a corresponsabilidade dos sistemas escolares e do Estado com a formação dos sujeitos, destacando todos os conteúdos e conceitos ministrados pela escola, bem como valores e experiências, interligados ao processo de ensino-aprendizagem. Evidencia ainda, o reconhecimento das diferenças individuais, quaisquer que sejam. “oportunizar o acesso educativo igualitário a qualquer pessoa, independente de classe, raça, etnia, gênero ou limitações, favorecendo principalmente aqueles que, por razões diversas, estivessem excluídos do sistema educativo” (SANTOS-LIMA, 2008, p. 10).

Primordialmente na escola, a inclusão deve ser tarefa intrínseca, este grande desafio que se coloca a inclusão alavanca uma reflexão majoritária para se (re) pensar suas práticas, cultura, política e atitudes pedagógicas. Assim a escola viabilizará caminhos que atendam não somente as pessoas com deficiência, mas todos que são marcados e marginalizados pelo ciclo da exclusão e do fracasso escolar; os quais estão às margens do processo educacional.

A sociedade em geral, faz distinção de raça, condições econômicas, religião e também das pessoas com deficiências, em suma, essas pessoas são maltratadas com palavras, atitudes e gestos que operam no indivíduo angustia, sentimento de culpa, por carregarem consigo particularidades físicas trazidas muitas vezes desde sua concepção como indivíduo e ainda o pior

de todos os sentimentos: o sentimento de exclusão, formas preconceituosas que parecem infundáveis e que exercem no outro, o receptor desses rótulos, uma auto compreensão negativa e aparentemente imutável, travando as potencialidades e aptidões que quase sempre foram impedidas de florescerem.

Segundo Mantoan (2005, p. 27)

A escola brasileira é marcada pelo fracasso e pela evasão de uma parte significativa de seus alunos, que são marginalizados pelo insucesso, por privações constantes e pela baixa autoestima resultante da exclusão escolar e da social – alunos que são vítimas de seus pais, de seus professores e, sobretudo, das condições de pobreza em que vivem, em todos os seus sentidos.

Assim, a evasão e o fracasso escolar são fatos reais, isso motivado na maioria das vezes pelas formas de exclusões que a escola propaga, pela falta de preparo de seus profissionais, e ainda por inúmeros fatores sociais e familiares. A escola precisa chegar a uma educação realmente democrática, como uma moeda de troca, evitando privar os alunos de elencar seus desejos e opiniões, privando-os de exercer a sua essência de sujeito ativo.

Os desafios que a escola perpassa requerem uma nova postura e um conjunto de mecanismos que influencie mudanças e transformações no campo educacional e conseqüentemente social, a escola deve avaliar seus resultados de forma que busque solucionar mesmo que de maneira gradativa o fracasso escolar e a exclusão de alunos.

Para Henriques (2012, p. 09):

Escola inclusiva é aquela que garante a qualidade de ensino a cada um de seus alunos, reconhecendo e respeitando a diversidade e respondendo a cada um de acordo com suas potencialidades e necessidades. Uma escola somente poderá ser considerada inclusiva quando estiver organizada, para favorecer a cada aluno, independentemente de etnia, sexo, idade, deficiência, condição social ou qualquer outra situação. Um ensino significativo é aquele que garante o acesso ao conjunto sistematizado de conhecimentos como recursos a serem mobilizados.

A escola como mola propulsora da libertação do sujeito, deve assumir papel formador da identidade, respeitando as diferenças e ou individualidades de cada um, baseada numa melhor adaptação do seu currículo, e com foco na ação de uma equipe multidisciplinar que ofereça suporte ao educador, de maneira que o trabalho pedagógico atinja o seu real objetivo, o de educar sem excluir, cuidar para que o aluno aprenda. O assessoramento as pessoas com deficiência, requer por parte da escola uma atenção maior, com apoio especializado e maior disponibilidade dos professores de modo a incluí-los e mantê-los no ensino regular com as condições necessárias.

As instituições de ensino não são mais as de outrora, aqueles espaços homogêneos, baseados numa cartilha unilateral, instrumentalizada e pensada para uma única forma de "aprender", onde o centro de todo processo educacional seria o professor, o qual atendia apenas os sujeitos "tidos" como normais, as escolas da atualidade atendem um público mais diverso, e para isso precisa dar o suporte necessário a sua clientela, é importante ressaltar também que a escola

precisa receber apoio de profissionais mais capacitados para melhor assessorar seu público, como também dispor de uma estrutura física que atenda todas as necessidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo bibliográfico, constatou-se a necessidade de várias mudanças no processo da Inclusão Escolar, tais mudanças requerem uma maior participação de todos os envolvidos no processo, para que assim, o fator Inclusão seja realmente efetivado. A Inclusão Escolar deve ter um caráter mais construtivista e libertador no desenvolvimento do sujeito, tornando-os capazes de sair do casulo e crescer não só psicologicamente, mas emocionalmente também.

É preciso rever um conjunto de obstáculos ainda presentes nas escolas, faz-se necessário reestruturar sua política e suas práticas pedagógicas como também os processos de avaliação da aprendizagem. A escola deve oferecer suporte aos educadores para uma melhor formação, proporcionando-lhes condições de atender seus alunos com eficácia e prontidão. Os educadores devem dispor de alternativas metodológicas que ultrapassem o quadro de exclusão que atinge muitos alunos, levando-os muitas vezes a desistirem e ou quererem minimizar-se diante do processo da aprendizagem.

Adotar um currículo que leve em consideração à singularidade de cada aluno, é sem dúvidas, um dos alicerces da Inclusão, respeitar seus ideais e interesses, garantem uma interação maior no contexto escolar. Tornar as aulas mais dinâmicas e criativas considerando a heterogeneidade presente em sala de aula dará ênfase na qualidade do ensino, e conseqüentemente na aprendizagem, enxergar a diversidade de personalidades ajudará o professor no desenvolvimento de suas práticas e também nos pontos a serem elencados para uma avaliação significativa.

O educador deve evidenciar a importância do aluno, a fim de desabrochar em todos eles, o que há de melhor, o seu sentido na vida e a sua contribuição na transformação da realidade. A Inclusão Escolar precisa ser encarada como a permanência e a anuência do aluno no âmbito educacional pela logística da afetividade. O controle emocional é conduzido pela reciprocidade de ações, pela eloquência do ensino/aprendizagem.

Nessa perspectiva, um ambiente escolar acolhedor e promotor da aprendizagem precisam amparar aspectos como o diálogo referenciado no falar e, sobretudo no escutar, a empatia, no sentido de reconhecer o valor e a importância do outro para o desenvolvimento integral, o afeto na sala de aula deve ser compreendido como uma relação interativa estabelecida pelo educador e pelo educando através do estímulo da inteligência emocional como também da racional.

Contudo, apesar das muitas mudanças já ocorridas, é perceptível que o sistema de ensino e, mais especificamente, as escolas ainda carecem de algumas transformações no que tangem o desafio da Inclusão. As escolas devem está mais dispostas a garantir meios que facilitem a adaptação do sujeito seja ele deficiente ou não, com o apoio da família essa tarefa se tornará mais viável, sabe-se que a família tem um vínculo mais conhecedor das particularidades do aluno, isso

auxilia a escola a elaborar uma dinâmica pedagógica, através de ações com poder mais significativo, para intervir, cuidar, monitorar, questionar e ajudar para que o aluno, por sua vez, realmente aprenda, sem que este seja deixado e ou levado adiante sem ter construído ou reconstruído seus conhecimentos.

Portanto, isso significa uma nova reflexão com base num conjunto de atitudes e de forças entre a família, a escola e a comunidade que objetivam priorizar a superação das limitações, dos rótulos e conceitos atribuídos indevidamente. O aluno deve sentir-se parte do contexto que lhe cerca através do incentivo e da manifestação dos sentimentos, e o afeto remetido aos alunos significa puxá-los e motiva-los a construírem e a alcançarem objetivos antes encarados como inalcançáveis.

Assim, espera-se que esta pesquisa bibliográfica contribua significativamente a todos que desejam conhecer mais sobre a Inclusão Escolar e seus Desafios, bem como os processos afetivos para uma melhor construção da aprendizagem, enfim, que este trabalho abra grandes reflexões a cerca da Inclusão e desperte o desejo para fazê-la acontecer verdadeiramente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. R. S. (1997). *A emoção e o professor: um estudo à luz da teoria de Henri Wallon*. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 13, n° 2, p. 239-249, mai/ago.

_____. (1999). *A emoção na sala de aula*. Campinas: Papirus.

ALMEIDA, A. R. S. *emoção na sala de aula*. Campinas, SP: Papirus, 1999.

ALMEIDA, V. M. M. Dificuldades Escolares e o Desenvolvimento da Criança. *Revista Interação da Faculdade de Educação da UFG*. n. 1-2, p. 61-66, jan./dez. 1992.

BRASIL. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais. Brasília: UNESCO, 1994.

_____. Constituição Federal de 1988. São Paulo: Editora Saraiva, 18. ed., 1998.

_____. *Diretrizes Nacionais da Educação Especial para a Educação Básica*. 2001

CARVALHO, R. E. *Removendo barreiras para a aprendizagem*. Educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

DEMO, Pedro. *Política Social, educação e cidadania*. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio XXI: O dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FREINET, Célestin. *Pedagogia do Bom-senso*. São Paulo: Martins Fontes, 1973.

GOTTI, M. *Integração e inclusão: nova perspectiva sobre a prática da Educação Especial*. In:

HENRIQUES, R. M. *O Currículo Adaptado na Inclusão de Deficiente Intelectual*. Disponível: < www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/489-4.pdf > Acesso em: 30 de Ago. 2015.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

_____. *Igualdade e diferenças na escola: como andar no fio da navalha*. In: *Inclusão escolar: pontos e contrapontos*. Valéria Morin Arantes (Org.), 2º Ed. São Paulo: Summus, 2006.

_____. *Inclusão escolar de deficientes mentais: que formação para professores?* In: MANTOAN, Maria Teresa Egler.(org.) *A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema*. São Paulo: Memnon; SENAC, 1997.

- _____. *Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?*. 2º Ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- _____. *Inclusão*. Revista da Educação Especial/Secretaria de Educação Especial. v1, n1 (out. 2005). – Brasília: Secretaria de Educação Especial, 2005.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. *Saberes, Imaginários e Representações na Educação Especial: a problemática ética da diferença e da exclusão social*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PONTES, Patrícia Albino Galvão. Criança e adolescente com deficiência: impossibilidade de opção pela sua educação exclusivamente no atendimento educacional especializado. In *Inclusão: Revista da Educação Especial*, Brasília, v.4, n.1, p.48, jan./jun. 2008. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- RIBEIRO, Marinalva Lopes e JUTRAS, France. *Representações sociais de professores sobre afetividade*. Revista Estudos de Psicologia, nº 23, vol. 1, jan./mar de 2006. p.39-45.
- RODRIGUES, D. Dez ideias (mal) feitas sobre a educação inclusiva. In: RODRIGUES, D (org.). *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, pp. 299-318, 2006.
- SANTOS, Mônica Pereira; PAULINO, Marcos Moreira (orgs.). *Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas*. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANTOS-LIMA, H. T. *Investigação dos processos de aprendizagem: contribuições para uma intervenção pedagógica no âmbito das relações sociais* Brasília, 2008. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- SOUZA NETO, S. O professor, quem ele é?. In: *Encontro de educadores do Movimento Humanidade Nova, I*. Vargem Grande Paulista, São Paulo, 2000.
- VYGOTSKY, Lev Semenovich. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- WALLOW, H. *A evolução psicológica da criança*. Lisboa: Edições, 1995.
- _____. *Ciclo de aprendizagem*. Revista Escola. Edição 160. Fundação Paulo Freire, 2003.
- _____. *Psicologia e Educação da criança*. Revista Veja: Editora Abril. Nº 163. Ano 2010, p. 79.

PAULO ROBERTO DOS SANTOS OLIVEIRA

<https://orcid.org/0000-0002-7640-1666>

Licenciado em Pedagogia pelo UNIFIP – Centro Univesitário de Patos, Patos/PB.

E-mail: paullo-pb@hotmail.com